

Uma grande desconhecida no País

Tem quem confunda uma anta com hipopótamo ou até com rinoceronte. Embora seja nosso maior mamífero, ela vive no 'anonimato'



Patrícia Médici

Apoio : dificuldade para afastar a espécie da possibilidade de extinção

Apesar de ser o maior mamífero do País e até freqüentar as conversas urbanas, com conotações pouco elogiosas, a anta (*Tapirus terrestris*) ainda é desconhecida da maioria dos brasileiros. Não é raro serem tomadas por hipopótamos ou rinocerontes por freqüentadores de zoológicos.

Uma anta adulta mede cerca de dois metros e pesa até 250kg. O tempo de gestação é de 13 meses e 15 dias e, depois de dar à luz, a fêmea pode acasalar novamente. Por isso, pode-se encontrar uma anta com filhote em qualquer época do ano, no que ela difere da maioria dos mamíferos menores, cujos filhotes costumam nascer em épocas de fartura de alimentos.

O filhote nasce cheio de listras brancas, que o ajudam a se camuflar no claro-escuro das matas. Acompanha a mãe por toda a parte. Na pesquisa realizada no Pontal, mãe e filhote foram observados ou capturados em diversos pontos dos carreiros, entre o parque e as reservas florestais vizinhas. Não usam muitos sons para se comunicar, mas têm um grunhido de alerta e respondem se chamadas com assobios, hábito que já lhes custou muitas baixas entre caçadores.

Saem com mais freqüência no crepúsculo ou à noite e normalmente não se aproximam de áreas habitadas pelo homem, embora possam se tornar razoavelmente dóceis quando criadas em cativeiro. De dia, refugiam-se na mata densa ou ficam longos períodos dentro d'água.

Elas são comuns nas florestas mais preservadas, mas estão cada vez mais ameaçadas pela fragmentação florestal. Originalmente distribuíam-se numa grande região da América do Sul, entre o Rio Grande do Sul e a Amazônia, estendendo-se para oeste até os Andes. Parte desta área coincide com a região de outra espécie de anta, menor e exclusivamente andina (*Tapirus pinchaqui*). Na América Central, existe uma terceira espécie (*Tapirus bairdii*). E há a anta asiática, com pelagem de duas cores – branco e preto.

A maioria dos pesquisadores que trabalham com antas está num grupo internacional de especialistas, que discute, via Internet, os resultados de pesquisa e eventualmente financia projetos como os de Patrícia Médici. "É difícil obter apoio para pesquisas com antas porque elas não estão na lista das espécies criticamente ameaçadas de extinção", diz ela. "Isso dificulta a obtenção de conhecimentos que poderiam ajudar a espécie a se manter distante da extinção".

No ano passado, o acompanhamento das antas no Morro do Diabo sobreviveu de doações feitas por pessoas físicas e de equipamentos, pequenos financiamentos e apoio de instituições norte-americanas (Woodland Park Zoological Gardens, Columbus Zoological Park, Tapir Preservation Fund, Idea Wild) e brasileiras (Instituto Florestal do Estado de São Paulo e Ibama).

O total de recursos foi da ordem de R\$ 13 mil, quando seriam necessários R\$ 40 mil anuais para tocar o projeto com autonomia, como acontece com pesquisas com espécies mais 'famosas', como o mico-leão-preto.